

Memória e narratividade na construção biográfica de O Mago¹

Memory and narrativity on the biography construction of A Warrior's Life

Karine Moura Vieira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Ramiro Barcelos 2705, 2º andar
Santana, 90035-007, Porto Alegre, RS, Brasil.
karinemourav@terra.com.br

Resumo. O presente trabalho tem como objetivo propor a análise da biografia enquanto gênero de fronteira entre a história, a literatura e o jornalismo por meio da relação entre memória e narratividade. Para tanto, o artigo pretende refletir sobre a construção da narrativa na biografia *O Mago*, do jornalista Fernando Morais sobre o escritor Paulo Coelho, lançada em 2008. A análise do texto biográfico enquanto produto jornalístico é realizada a partir da perspectiva da memória e do conceito de narratividade, utilizando como referencial os três estágios da narrativa propostos por Paul Ricoeur: prefiguração, configuração e refiguração. Desta forma, pretende-se compreender o uso dos diários de Paulo Coelho pelo jornalista Fernando Morais como recurso de narratividade na tentativa de valorizar a história de vida, enquanto realidade em si mesma.

Palavras-chave: memória, narratividade, jornalismo.

Abstract. This paper aims to propose an analysis of the biography as a kind of frontier between history, literature and journalism through the relationship between memory and narrative. To this end, the article focuses on the construction of narrative in *A Warrior's Life - The Authorized Biography* by Fernando Morais about the author Paulo Coelho released in 2008. The analysis of the biography such as a journalistic product is done from the perspective of memory and the concept of narrativity, using as reference the three stages of the narrative proposed by Paul Ricoeur: foreshadowing, setting and refacement. Thus, we will analyze the use of Paulo Coelho's diaries by journalist Fernando Morais as a source of narrativity in an attempt to enhance the story of life as reality itself.

Key words: memory, narrativity, journalism.

¹ Este artigo foi apresentado no 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.

Biografia: gênero de fronteira

A biografia tem na observação da relação entre memória e narratividade² o ponto de partida para o seu entendimento como objeto empírico comum para a história, com os estudos de história oral, e para a literatura, como gênero narrativo. É por meio da memória que a história de vida se constitui como relato e, portanto, como narrativa e como história. Nesse sentido, entende-se a memória como um fenômeno de construção individual e coletivo, que implica, conseqüentemente na constituição de um valor de identidade. Paul Ricoeur (1998) busca no texto *Da memória a reminiscência*, de Aristóteles, a definição para trabalhar o conceito de memória: “tornar presente a ausência-que-foi”. Esse processo de “tornar presente a anterioridade” proposto por Ricoeur pressupõe o estabelecimento da memória em discurso. A memória “levada ao mesmo tempo à linguagem e a obras pela narrativa, pelo pôr-em-narrativa”, ou seja, a narratividade (Ricoeur, 1998³).

A biografia alimenta discussões e criações de modelos interpretativos sobre a sua natureza que buscam o entendimento do desafio do que o projeto biográfico se propõe ser, por definição: a história da vida de uma pessoa. Como dimensionar a vida de um indivíduo e, concomitantemente, dimensionar o contexto social em que este indivíduo está inserido, as relações por ele estabelecidas, e revelar, para o leitor, a complexidade que envolve a singularidade da trajetória de uma vida? Desde a sua origem na Antiguidade - com referenciais como os relatos de Plutarco sobre personalidades greco-romanas em *Vidas Paralelas* -, a biografia suscita debates no âmbito da historiografia sobre como os relatos de vida poderiam ser objetos de estudo do historiador. Bourdieu (2006) questiona a impossibilidade da biografia dentro de uma perspectiva diacrônica da narrativa, a partir da ordenação de uma existência como uma história com começo, meio e fim, o que ele classifica como “ilusão biográfica”. Um relato constante e coerente não é capaz de encerrar a dimensão absoluta da realidade sobre uma existência, objetivo supostamente

pretendido pelo projeto biográfico que, por esse motivo, configura-se, então, como uma “ilusão”. O real tem como condição a imprevisibilidade, é descontínuo, fractal.

Da “ilusão” proposta por Bourdieu, dentro da perspectiva do paradigma estruturalista no campo da história, a biografia passou por um processo de resgate historiográfico, onde a trajetória individual ganha um novo papel no cenário das construções sociais e no estudo do passado. A partir dos anos 1980 uma renovação historiográfica, oriunda de uma ampla reflexão no campo das ciências humanas, com um “declínio radical das teorias e dos saberes sobre os quais a história havia ancorado seus avanços nos anos sessenta e setenta” (Motta, 2000, p. 6), trouxe uma nova luz para biografia. Essa mudança de paradigma na história revela um “recuo da história quantitativa serial e o avanço dos estudos de caso e da micro-história” (Schmidt, 1997, p. 3).

Dentro dessa perspectiva de revisão do gênero biográfico, o presente artigo pretende buscar uma análise empírica da biografia no jornalismo, que encontra confluência na história e na literatura, por meio da relação entre memória e narratividade. Para tanto, o trabalho pretende refletir sobre a construção da narrativa na biografia *O Mago*, do jornalista Fernando Morais sobre o escritor Paulo Coelho, lançada em 2008, sob o ponto de vista de um valor de memória do texto biográfico enquanto produto jornalístico. Analisa-se a utilização dos diários de Paulo Coelho como recurso de narratividade, mas também como tentativa do biógrafo em dimensionar a trajetória do biografado em sua totalidade, visando fechar as lacunas, os esquecimentos e os silêncios dos relatos das entrevistas. Sob o matiz do valor de memória pretende-se refletir sobre como a história de vida, enquanto realidade em si mesma, pôde se tornar a textura primordial para a narrativa apresentada por Fernando Morais em *O Mago*.

O jogo da memória

Os caminhos que engendram o universo da memória ainda estão por ser desvendados. O que lembramos e o que esquecemos e como

² Como define Motta, a narratividade é “a qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação. É a enunciação dos estados de transformação que organiza o discurso narrativo, produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos” (Motta, 2008, p. 143).

³ Todas as citações literais de Ricoeur (1998) correspondem a documento eletrônico não paginado, mas é a reprodução de artigo publicado conforme citado nas referências bibliográficas.

construímos essas escolhas fundamentam as pesquisas sobre a memória. A percepção que um indivíduo tem de si mesmo e do que o cerca, ou seja, a nossa consciência, fundamenta a construção da memória em relação à forma como sentimos e nos emocionamos com os estímulos adquiridos pela experiência de vida. Damásio define o sentimento como “uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar” (Damasio, 2004, p. 94).

O trabalho com histórias de vida depara-se diretamente com esse labirinto que encerra a memória de um indivíduo. Quando este conta a sua história, tende a construí-la de forma ordenada, linear, em ordem cronológica, de forma a dar sentido ao seu relato. No ato de narrar a trajetória, contamos a nossa história de acordo com o que nós lembramos no momento que lembramos e contamos. As estruturas desse relato estão estabelecidas em momentos que para o indivíduo, em sua trajetória, parecem determinantes para sua identidade, a percepção da sua autobiografia. E os sentimentos e as emoções perpassam essa leitura da memória. O fenômeno da memória, porém, deve ser entendido também como um fenômeno coletivo, social. Pollack, ao citar Maurice Halbwachs e os seus estudos sobre a memória social em uma perspectiva historiográfica, define a memória também como “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollack, 1992, p. 201).

A memória individual ou coletiva é constituída de pessoas, lugares e acontecimentos que ganham significado a partir da forma como foram vividos, percebidos na trajetória do indivíduo ou de determinado grupo social. Esses elementos podem estar ligados diretamente a uma experiência pessoal ou a uma percepção por “tabela”, como define Pollack (1992, p. 201). Isto é, o indivíduo muitas vezes não participou, viveu ou conheceu tal elemento, mas o tem projetado dentro de um imaginário⁴ e apoiado em uma relação de espaço e tempo que se tornou irredutível no relevo da memória. São fenômenos de projeção e trans-

ferência inerentes ao processo de articulação da memória. Ao tentar compreender essa fenomenologia da memória, Pollack diz que a memória é “seletiva”, é “um fenômeno construído” e também “um elemento constituinte do sentimento de identidade” (Pollack, 1992, p. 204). Essas características alertam para a subjetividade presente no trabalho com a memória e, conseqüentemente, com a história de vida. Trabalha-se na mesma medida com uma construção narrativa baseada no “trabalho da própria memória em si” – onde é realizada uma manutenção de continuidade, unidade e ordenação da memória e das lembranças – e também, com os silêncios, os esquecimentos e as projeções por “tabela” pertinentes a esse jogo da memória. Motta avalia esse paradoxo do estudo de histórias de vida propondo uma valorização da subjetividade.

A subjetividade da memória, longe de ser um obstáculo ao conhecimento, revela-se ao contrário, um importante meio de acesso a determinadas “informações”, impossíveis de serem coletadas em fontes mais ‘rigorosas’. Afinal, em vez de se imaginar uma simples oposição entre memória e esquecimentos, deve-se valorizar, sim, a relação que ambos mantêm entre si (Motta, 2000, p. 16).

O empreendimento em um projeto biográfico, portanto, pressupõe, primeiramente, a compreensão das regras do jogo da memória que se configuram a partir das intenções de cada jogador. O que se pretende ao narrar uma história de vida? A trajetória da biografia revela uma evolução e uma transformação do gênero permeada pela intersecção de diferentes perspectivas dos campos de estudo em que se manifesta. Sob uma perspectiva histórica, o gênero passa por um momento de revalorização, por assim dizer. Na visão reducionista, e também totalizadora, o ato de escrever a história de vida de uma pessoa era visto como uma impossibilidade devido à fragilidade e subjetividade de suas fontes. Além disso, a reação contra o hibridismo do gênero, que se configura na fronteira entre a literatura e a história, relegou a biografia a um espaço quase marginal dentro da perspectiva histórica de grande parte do século XX, onde a sua especificidade

⁴ Compreende-se aqui a noção de imaginário na perspectiva de uma narrativa própria do indivíduo, da sua percepção, identificação, e sentimentos sobre o que o rodeia. Para melhor definir esse entendimento utiliza-se aqui a definição de Siloa (2003, p. 11-12) que observa o imaginário como um “reservatório, agrega imagens, sentimentos lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo. O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal. [...] o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor”.

enquanto arcabouço metodológico não tinha reconhecimento. A partir dos anos 1980, a produção biográfica voltou a ganhar espaço na historiografia tanto como instrumental para a compreensão e análise da história, entendida como “lugar de memória”⁵, expressão e conceito propostos por Pierre Nora, e também como objeto de estudo em que os questionamentos concentram-se principalmente na sua ambigüidade, como explica Motta, “já que tanto podia se constituir em um instrumento da pesquisa histórica, como ser um meio de fugir dela” (2000, p. 9).

Mas e no âmbito do jornalismo que se apropriou do gênero como oficina da grande reportagem, quais são as premissas que orientam a produção da biografia? A partir da observação empírica entende-se, neste artigo, a biografia no jornalismo como uma narrativa que encontra confluência na literatura pela narratividade e na história, pela memória, construída na transversalidade entre a realidade e a ficção.

Narrativa, story e biografia

A percepção das qualidades narrativas na reportagem tem como base neste artigo as teorias construcionistas. Desta forma, compreende-se o papel do jornalismo na construção da realidade e se concebe a reportagem como “estória” e, por definição, como narrativa culturalmente construída. Mas o que significa essa “arquitetura” das narrativas em um contexto onde os termos de entendimento do jornalismo ainda preconizam a produção de notícias conduzida pela imparcialidade, objetividade e um “comprometimento” com a realidade. Bird e Dardenne questionam esses parâmetros ao considerarem “[...] seriamente as notícias como narrativas e ‘estórias’ e, deste modo, a relação nada pacífica entre realidade e as ‘estórias’ sobre a realidade” (1993, p. 264).

No entendimento da notícia como “estória” se reconhece a importância do jornalismo enquanto formador de valores, conceitos culturais e sociais, bem como, produtor de discursos e sentidos. Tuchman ratifica essa idéia ao evidenciar “[...] o fato de as notícias, como todos os documentos públicos, serem uma reali-

dade construída possuidora de sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais que uma realidade seletiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente” (Tuchman, 1993, p. 262). Na construção do relato noticioso, o jornalista traz a sua percepção do fato, a sua noção do “real”, um processo permeado por suas escolhas. Para Wolf, “as notícias são aquilo que os jornalistas definem como tal” (2003, p. 190).

Dentro dessa perspectiva, entende-se a interdisciplinaridade do jornalismo enquanto campo de estudos, com suas aproximações com história e a literatura em um movimento transversal de interpretação do significado da reportagem como valor cultural, estético e documental. Medina analisa as afinações entre jornalismo e literatura e avalia que “há uma certa sabedoria em conotar de clima ficcional a redação e edição da coleta de informações” ao lembrar que “o jargão jornalístico norte-americano consagrou a palavra *story* para nomear reportagem” (1996, p. 225). Para a autora, “o relato jornalístico, para obter o máximo de difusão, tem de ser eficiente: só uma estória bem contada pode aspirar o êxito na comunicação social” (Medina, 1996, p. 225). No entendimento da reportagem como “estória” se reconhece a importância do jornalismo enquanto formador de valores, conceitos culturais e sociais, bem como, produtor de discursos e sentidos.

A competência estritamente da técnica da tradição ganha muito da energia criativa (estética) através destas exposições que, certamente, redundarão em afinações literárias. Na proposta complexa, a oficina do mediador – produtor simbólico – ficaria incompleta se à ética e à técnica não se acrescesse a estética. Ou seja a eficiência de uma story mais bem narrada, profunda, envolvente, humanizadora e, por que não, especuladora e presentificadora dos mitos da cultura de onde emerge (Medina, 1996, p. 228).

Na observação do jornalismo como formador de valores, discursos e sentidos a partir das qualidades narrativas da reportagem evidencia-se também a transversalidade com

⁵ Os lugares de memória são antes de tudo restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são marcos, testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade (Nora, 1993, p. 12-13).

a história, a partir da pertinência de um valor documental, para a pesquisa e revisão de contextos e personagens históricos. No estudo sobre as aproximações e afastamentos entre o jornalismo e a história na biografia, Schmidt ressalta “que o gênero biográfico emerge na história e no jornalismo no bojo de um processo de aproximação destas áreas com a literatura, o que implica uma incorporação do elemento ficcional e a adoção de determinados estilos e técnicas narrativas” (1997, p. 8). Porém, o trabalho com a memória e o significado atribuído a ela difere de um campo a outro. Ao trabalhar com histórias de vida, o jornalista põe o seu saber narrativo a serviço da memória. Na produção biográfica o “como” contar a trajetória de um indivíduo não é orientado por modelos prontos, pré-configurados em estruturas limitadoras, mas sim pelo fluxo singular dessa história de vida que ao ser narrada, projeta-se como uma experiência suscetível a inúmeras interpretações.

O jornalista traz para a construção do projeto biográfico os referenciais epistemológicos do seu ofício, com a necessidade de apoiar a sua investigação na confrontação de fontes, na comprovação de documentos históricos para validar a informação com precisão. Para o jornalista, enquanto biógrafo, a biografia é um processo dialético, um produto de consonância e dissonância entre o jornalismo, história e literatura, mas que por isso, constitui-se com um amplo sistema simbólico⁶. O desafio de “como” contar para o jornalismo está em articular as inúmeras peças que compõem a memória do biografado, não para construir uma visão reducionista, totalizante e atomística da história de vida do indivíduo, mas compreendê-la como uma entidade em si mesma, e valorizá-la pelo seu valor como memória e não apenas pelo seu valor histórico.

Memória e narratividade em *O Mago*

O trabalho com histórias de vida tem como princípio traçar uma ponte entre o passado e o presente, na perspectiva de projeção de um significado futuro. Este ofício de “tornar presente a anterioridade”, passa necessariamente, pelo estabelecimento de um tempo narrativo na construção do discurso. O relato da história de vida traz o tempo vivido pelo in-

divíduo na sua memória que, ao tomar forma na narrativa, passa a ser o “presente do passado”. Esta dialética entre o presente e o passado que já passou constitui o tempo da narrativa. Ricoeur define o tempo da narrativa como “um misto desse tempo vivido e daquele dos relógios, tempo cronológico enquadrado pelo tempo do calendário com, atrás de si, toda a astronomia. Na base desse tempo narrativo há esse misto do simples instante, que é um corte no tempo universal, e do presente vivo onde não há senão um presente: agora” (Ricoeur, 1998, p. 2). Dentro dessa definição do tempo narrativo, Ricoeur trabalha a “representação criadora” na construção narrativa sobre histórias a partir de três etapas: prefiguração, configuração, a refiguração.

Eu situo toda a minha análise sob as três rubricas sucessivas que percorri em Temps et Récit, o que eu havia posto sob o título muito antigo de mimésis – portanto, de re-criação, da representação criadora – partindo de um estágio que nomeio de “prefiguração”, aquele em que a narrativa está engajada na vida cotidiana, na conversa, ainda sem se separar dela para produzir formas literárias. Passarei em seguida a estágio de um tempo realmente construído, de um tempo narrado, que será o segundo momento lógico: “configuração”. E terminarei por aquilo que chamei, na situação de leitura e de releitura, a “refiguração”. (Ricoeur, 1998, p. 2).

Na construção da narrativa de *O Mago*, Fernando Morais parte do relato do escritor Paulo Coelho sobre a sua própria história de vida. Neste estágio de prefiguração da narrativa proposto por Ricoeur, Morais embarca na tarefa inédita em sua carreira como biógrafo de contar a trajetória de um personagem vivo. Fernando Morais já escreveu sobre personalidades como a militante alemã do Partido Comunista Brasileiro e mulher de Luis Carlos Prestes, Olga Benário, na biografia *Olga* (1985), e sobre o empresário e jornalista Assis Chateaubriand, do grupo Diários e Emissoras Associados, em *Chatô – O rei do Brasil* (1994), mas é a primeira vez que atua como biógrafo de personagem vivo. A dialética do tempo narrativo sempre se faz presente na construção biográfica, pois grande parte da base de investigação e pesquisa sobre a trajetória de um indivíduo acontece a partir de entrevistas com pessoas

⁶ Entende-se aqui o simbólico na perspectiva da narrativa como uma construção de característica mitológica, no sentido de explicar a realidade, concebida “enquanto processo de comunicação” (Bird e Dardenne, 1993, p. 266).

contemporâneas do indivíduo, familiares que guardam o seu passado, além do suporte de documentação histórica para a confirmação das informações fornecidas pelas fontes.

Por se tratar de um personagem vivo, Fernando Morais acompanhou o biografado Paulo Coelho dia após dia durante um mês, fazendo entrevistas diárias que chegavam a durar mais de 12 horas. Morais observou a rotina doméstica do escritor com a mulher, Cristina Oiticica, na sua casa na França, assim como a maratona de lançamentos de livros em vários países, o contato com os fãs e sua relação com a fé e a religiosidade, objetos de sua criação literária. Nessa primeira fase da narrativa, o personagem começa a tomar forma para o autor. São descobertas, revelações, construções e desconstruções sobre a figura do personagem, em um processo único de observação. O personagem sai do imaginário do autor – tal como na criação literária, onde ao conceber um personagem o escritor tem em mente um imaginário que ao longo da construção do texto vai ganhando novas nuances. No caso de Paulo Coelho, o imaginário sobre a sua figura foi construído ao longo de sua carreira de escritor que se tornou um fenômeno cultural com uma trajetória no mundo das belas-letas de ascensão fulminante. Com 11 publicações e mais de 100 milhões de livros vendidos, há alguns anos Paulo Coelho é uma referência no universo literário brasileiro e internacional, principalmente pela tradução dos seus livros para mais de 60 línguas e dialetos de 160 países.

Para todas as perguntas Fernando Morais iniciou a busca por respostas nas conversas que teve com o autor, com seus amigos e inimigos, embrenhando-se no cotidiano do escritor para conhecer o seu discurso na percepção de si mesmo, enquanto pessoa, escritor, personagem da sua própria história. É a plenitude da prefiguração, onde acontece a “intromissão da narrativa na vida, sob a forma da conversação ordinária. Nesse estágio, a narrativa está realmente implicada em nossa própria tomada de consciência mais imediata” (Ricoeur, 1998, p. 3). Esse seria o processo natural na construção biográfica para o autor que depois de ter em mãos tantos depoimentos, histórias, lembranças, deveria passar para o segundo estágio da narrativa, a configuração. Porém no meio do caminho, o autor deparou-se com uma informação que iria mudar totalmente o processo de construção da biografia: um baú com 40 anos de diários escritos por Paulo Coelho, além de gravações feitas pelo escritor

em uma centena de fitas cassete. O processo de configuração da narrativa ganha uma nova perspectiva. Para contar a história de Paulo Coelho, Fernando Morais não apenas utiliza os diários como elementos de sua pesquisa, mas os traz para dentro da narrativa, como mais um artifício para conduzir a construção do texto e tornar a história de vida de Paulo Coelho menos inextricável. Na arqueologia de seu relato, o biógrafo explora os detalhes por meio das palavras escritas e gravadas pelo próprio personagem, dividindo com o mesmo, em alguns momentos, a co-autoria da narrativa. Dessa forma, o jornalista evidencia a multiplicidade de papéis do protagonista, questão debatida por Giovani Levi (2006) na sua análise sobre os usos da biografia.

[...] É essencial reconhecer o ponto de vista do observador; a existência de uma outra pessoa em nós mesmos, sob forma do inconsciente, levanta o problema da relação entre descrição tradicional, linear, e a ilusão de uma identidade específica, coerente, sem contradição, que não é senão o biombo ou a máscara, ou ainda o papel oficial, de uma miríade de fragmentos e estilhaços. A nova dimensão que a pessoa assume com sua individualidade não foi, portanto, a única responsável pelas perspectivas recentes quanto a possibilidade e a impossibilidade da biografia (Levi, 2006, p.173).

Com esses novos elementos em mãos, Fernando Morais tem pela frente uma nova visão sobre o ato de contar a história de Paulo Coelho. Pode-se analisar como a progressão do processo de construção da biografia se configura a partir dos conceitos definidos por Paul Ricoeur ao descrever a criação literária: a colocação em intriga, a inteligibilidade e a intertextualidade. Ao escolher como contar a história de Paulo Coelho, Fernando Morais inicia a sua “trama” com um perfil enxuto e provocativo do escritor logo na capa do livro:

A incrível história de Paulo Coelho, o menino que nasceu morto, flertou com o suicídio, sofreu em manicômios, mergulhou nas drogas, experimentou diversas formas de sexo, encontrou-se com o diabo, foi preso pela ditadura, ajudou a revolucionar o rock brasileiro, redescobriu a fé e se transformou em um dos escritores mais lidos do mundo (Morais, 2008).

Ao ler o resumo já se tem uma expectativa do que será o relato. As linhas gerais de como vai se desenrolar a trama já estão lançadas. Como exemplifica Ricoeur (1998, p.4), o colocar em intriga, a trama, revela “aspectos da

ação e, em particular, maneiras de produzi-la, com causas, motivos para agir e também acasos". Ao lançar mão do resumo, o autor apresenta ao leitor alguns dos aspectos que vão pontuar o seu relato sobre a história de vida de Paulo Coelho. E a trama inicia pelo que se pode chamar como o desfecho da vida do personagem, isto é, a *persona* que ele se tornou. No primeiro capítulo, Fernando Morais relata a maratona internacional de Paulo Coelho pela Hungria, França e Egito no ano de 2005 para o lançamento do livro *O Zahir*, mostrando o dia-a-dia de um escritor que se tornou celebridade internacional das belas-letas, ou como o próprio autor define o seu biografado, um "pop star". Fernando Morais mostra ao leitor o homem que está no imaginário social: um indivíduo que se autodenomina mago, escritor conhecido internacionalmente, fenômeno de vendas, objeto de polêmica entre a crítica literária, que suscita ódios e paixões a cada novo livro e que tem em seu currículo a eleição para a Academia Brasileira de Letras e a condecoração *Légion d'Honneur* da França. Ao final do primeiro capítulo, faz um apanhado com alguns fatos pontuais da trajetória do escritor, expondo como alguém com uma trajetória tão improvável conseguiu alcançar o sonho que ambicionava desde criança - tornar-se um escritor conhecido internacionalmente, com "fama, fortuna e poder".

Deste ponto em diante, Fernando Morais avança para a sua tentativa de "esclarecer o inextricável", ou seja, a conquista da inteligibilidade. Depois da colocação em intriga, o biógrafo tem o desafio de narrar a vida do biografado de forma a revelar ao leitor todos os aspectos possíveis da trajetória do personagem, utilizando de todos os modos narrativos que possam dar sentido ao pôr em narrativa. Dentro do estágio da configuração no qual "o ato de contar liberta-se do contexto da vida cotidiana e penetra na esfera da literatura" (Ricoeur, 1998, p. 4), a inteligibilidade se manifesta na utilização de todos os recursos narrativos para se contar a trajetória. Na análise da biografia no jornalismo, entende-se que o jornalista na construção do texto bebe na fonte do New Journalism, que serve de referência para a sua inserção na narrativa jornalística. O movimento New Journalism usa as técnicas da literatura para renovar a escrita jornalística, com uma atitude mais libertária no estilo e na linguagem, na construção de diálogos e uma percepção do personagem multifacetada, onde o narrador atinge um grau de onisciência

jamais visto nas narrativas factuais tradicionais nos grandes veículos. A presença de um narrador onisciente, por exemplo, manifesta-se na biografia principalmente na reprodução de diálogos, onde se propõe à reconstrução do acontecimento a partir da entrevista com os personagens em questão.

Com a cabeça coberta por um capuz, ele era levado ao banheiro por um policial quando, ao passar diante de uma cela ouviu alguém em prantos chama-lo:

– Paulo? Você está aqui? Se é você, fala comigo! Era Gisa, provavelmente encapuzada, como ele, que reconheceu sua voz. Aterrorizado com a possibilidade de voltar a ser colocado nu na "geladeira" – a cela fechada em cujo interior a temperatura era mantida baixa a ponto de justificar o apelido –, permaneceu em silêncio. A namorada implorava ajuda:

– Paulo, meu amor! Por favor, diga que sim. Só isso, diga que é você que está aqui!

Nada. Ela insistia:

– Por favor, Paulo, diga a eles que não tenho nada a ver com isso.

Naquele que consideraria o maior gesto de covardia de toda a sua vida, ele não abriu a boca (Morais, 2008, p. 338).

No trecho acima, Fernando Morais explora os referenciais da literatura na reprodução de uma situação dramática na trajetória do personagem. Os recursos da literariedade são empregados para dimensionar a realidade do episódio e, desta forma, sedimentar o seu valor de memória do relato biográfico. Fernando Morais sedimenta a construção do seu texto com bases na escola representada pelo New Journalism, e na perspectiva de buscar a inteligibilidade do texto vai ao encontro do terceiro elemento de configuração do tempo narrativo proposto por Ricoeur, a intertextualidade, por meio da utilização dos diários de Paulo Coelho. Retomando a idéia de lugares de memória, de Nora, pode-se entender os diários como exemplos plenos, nos quais ao longo de toda a sua vida Paulo Coelho registrou a sua memória do momento, imediata, a sua perspectiva sob os acontecimentos que marcaram sua vida no instante mais próximo em que eles aconteceram. De posse desse material e dos depoimentos, de Paulo Coelho e de outros entrevistados, Fernando Morais dispõe no texto não apenas a confrontação das narrativas de memória, mas também conta a trajetória do personagem através da sua própria voz. A contribuição dos diários como voz narrativa dentro do relato biográfico se mostra essencial

para a manutenção do valor de memória em vários momentos importantes do livro, como quando da primeira vez que Paulo Coelho foi internado no manicômio. Para o episódio, Fernando Morais designa um capítulo inteiro que é totalmente descrito com trechos do diário.

8:00 horas – Me acordaram para tomar a pressão. Ainda meio tonto de sono, pensei que fosse sonho. Mas aos poucos fui me compenetrando da realidade. Era o fim. Me mandaram vestir a roupa às pressas. Na porta de casa um veículo do Socorro Psiquiátrico de Urgência. Nunca pensei que fosse tão deprimente entrar num carro destes. Alguns vizinhos espiam à distância o rapaz magro e cabeludo que abaixa a cabeça para entrar no carro. Abaixa a cabeça. Estava vencido (Morais, 2008, p. 162).

A utilização dos diários de Paulo Coelho como um elemento significativo dentro da construção do tempo narrativo poderia ser entendida como um excesso de detalhe, mas se apresenta na biografia como um recurso eficiente para a compreensão da trajetória. Pode-se “ver mais” de Paulo Coelho por meio da construção textual de Fernando Morais, que subtrai a sua presença estrategicamente para conquistar a primazia do efeito de real e de sentido da existência narrada e evidenciar a importância do valor de memória. Esse mesmo recurso narrativo, e aqui poderia chamá-lo de “subterfúgio” explorado pelo autor, implica, conseqüentemente, uma manutenção da audiência, dos seus leitores e os de Paulo Coelho. O que há de revelador está dito não apenas na sua voz, mas também na do protagonista. Essa busca pela manutenção da audiência encaminha a análise para o último estágio do tempo narrativo proposto por Ricoeur, a refiguração. Nesse ponto o tempo narrativo sai do texto e se constitui como tal somente a partir da leitura, da relação com o público e suas interpretações. Ricoeur observa nessa relação a existência de uma dialética entre a escrita e a leitura, na qual “o leitor vem ao texto com suas expectativas próprias, e essas expectativas são afrontadas, confrontadas a proposições de sentido do texto na leitura, qual pode percorrer todas as fases [...]” (1998, p. 8).

No caso da narrativa de Fernando Morais, a refiguração manifestou-se primeiro com o próprio biografado, Paulo Coelho. A liberação dos diários por parte do escritor não foi um processo fácil, pois não fazia parte do projeto original da biografia e Paulo Coelho tinha a exata noção do que implicaria a confrontação

desses diários com o seu próprio relato sobre a sua trajetória. No caso de *O Mago*, a refiguração materializa-se, por assim dizer, na carta que Paulo Coelho escreve a Fernando Morais em 2008, quando da publicação do livro, que foi integrada ao texto como recurso para o desfecho da narrativa.

Como qualquer escritor, sempre namorei a idéia de uma autobiografia. Mas é impossível escrever sobre si mesmo sem terminar justificando os erros e engrandecendo os acertos – faz parte da natureza humana. Daí a idéia do seu livro ter sido aceita com tanta rapidez, mesmo sabendo que estou correndo o risco de ver reveladas coisas que, no meu entender, não são necessárias. Porque, se elas fazem parte da minha vida, precisam ver a luz do dia. Daí a minha decisão, de que em muitos momentos ao longo destes três anos eu me arrependi, de abrir os diários que escrevo desde que era adolescente.

Mesmo que eu não me reconheça no seu livro, sei que ali está uma parte de mim. Enquanto você me entrevistava, e eu era obrigado a rever certas partes da minha vida, ficava sempre pensando: qual seria o meu destino se eu não tivesse experimentado as coisas que vivi? (Coelho in Morais, 2008, p. 609).

Na carta a Fernando Morais, Paulo Coelho faz uma reflexão sobre a experiência biográfica. Nas entrelinhas do seu relato ele reconhece que ato de colocar em narrativa uma história de vida implica não apenas a realização de um trabalho de memória, mas também a construção de um novo lugar de memória sobre a existência narrada. O processo de refiguração estabelecido na leitura do biografado sobre o relato da sua trajetória, o confronto com as suas memórias em diferentes relações de temporalidade, revelaram a ele uma percepção e uma reflexão sobre o imaginário que ele construiu sobre si mesmo.

Considerações finais

Ao refletir sobre a biografia como um gênero híbrido tensionado no jornalismo pela intersecção entre a história e a literatura, a partir da relação entre memória e narratividade, pode-se observar algumas singularidades do gênero na sua composição em uma perspectiva jornalística. Na biografia de Paulo Coelho, Fernando Morais sobrepõe um valor de memória sobre um valor de história nas suas escolhas e estratégias para o desenvolvimento da narrativa, na estruturação do seu processo de narratividade. No trabalho de narrar a história de vida

de um indivíduo, o saber narrativo do jornalista está a serviço da memória, da experiência e do saber de vida que se desenvolve ao longo do processo de investigação sobre a existência narrada. No caso de *O Mago*, Fernando Morais ao investigar a trajetória de Paulo Coelho constatou que para construir essa narrativa biográfica era preciso mais do que a entrevista com o personagem e com aqueles que o cercavam. Foi preciso buscar uma outra memória do personagem, a memória registrada no presente da anterioridade de Paulo Coelho, na sua, por assim dizer, autobiografia, registrada em 40 anos de diários. A observação dessa aventura pelo caminho das subjetividades na construção narrativa de *O Mago* mostra um exercício do jornalista Fernando Morais em manter o seu princípio de buscar o máximo de verdade, de credibilidade e de objetividade, sobre a história de vida desse personagem, utilizando para isso, recursos originalmente subjetivos, como relatos de diários, que são apresentados na forma de uma estratégia narrativa do autor, onde, em alguns capítulos, a história de vida de Paulo Coelho passa a ser narrada por ele mesmo.

O trabalho de Morais revela que o fazer biográfico no jornalismo abriga ao mesmo tempo as dimensões histórica e ficcional, onde as estratégias para a construção da narrativa trazem as confluências entre os campos da história, da literatura e do jornalismo. A biografia *O Mago* é um exemplo da rica produção biográfica por jornalistas no Brasil, e a sua análise neste artigo insere-se na perspectiva de uma proposta de reflexão, ainda que exploratória, sobre a construção da biografia, como um gênero do jornalismo, observando quais as características e especificidades que orientam, identificam e definem a biografia no campo jornalístico.

Referências

- BIRD, E.S.; DARDENNE, R.W. 1993. Mito, registo e 'estórias': explorando as qualidades narrativas das notícias. In: N. TRAQUINA (org.), *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa, Vega, p. 263-277.
- BOURDIEU, P. 2006. A ilusão biográfica. In: J. AMADO; M. de M. FERREIRA, *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 182-191.
- DAMASIO, A. 2004. *Em busca de Espinosa – prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo, Cia. Das letras, 360 p.
- LEVI, G. 2006. Usos da biografia. In: J. AMADO; M. de M. FERREIRA, *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 167-182.
- MEDINA, C. 1996. *Povo e personagem*. Canoas, Ulbra, 245 p.
- MORAIS, F. 2008. *O Mago*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 630 p.
- MOTTA, L.G. 2008. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: C. LAGO; M. BENETTI, *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Porto Alegre, Editora Vozes, p. 143-167.
- MOTTA, M.S. da. 2000. O relato biográfico como fonte para a história. *Vidya*, 34:101-122. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/614.pdf. Acessado em: 07/2009.
- NORA, P. 1993. Entre memória e história A problemática dos lugares. *Projeto História*, 10:7-28.
- POLLACK, M. 1992. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- RICOEUR, P. 1998. Arquitetura e narratividade. *Urbanisme*, 303:44-51.
- SCHMIDT, B.B. 1997. Construindo biografias... Historiadores e jornalista: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, 10(19):03-21.
- SILVA, J.M. 2003. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre, Sulina, 111 p.

Submetido em: 04/08/2010

Aceito em: 14/10/2010